


NA REDE DA LINGUAGEM: EDUCAÇÃO E ENSINO DE LITERATURA

IN THE NETWORK OF LANGUAGE: EDUCATION AND LITERATURE TEACHING

EN LA RED DE IDIOMAS: EDUCACIÓN Y ENSEÑANZA DE LA LITERATURA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-062>

Data de submissão: 10/10/2025

Data de publicação: 10/11/2025

José Jacinto dos Santos Filho

Doutor em Educação

Instituição: Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte

E-mail: jacinto.santos@upe.br

RESUMO

O artigo discute a centralidade da linguagem como forma de mediação entre o homem e o mundo, evidenciando suas dimensões verbal e não verbal nas práticas educativas. Fundamentado em autores como Merleau-Ponty (2002/2004), Foucault (1987), Cassirer (2012), Peirce (2010) e Barthes (1997); o texto aborda a linguagem como fenômeno vivo, em constante movimento e significação, responsável por articular pensamento, sensibilidade e expressão. Defende-se que a linguagem literária, em diálogo com outras manifestações artísticas, como pintura, fotografia, cinema e outras, potencializa o desenvolvimento criativo e humanizador dos sujeitos. Nessa perspectiva, o ensino de literatura deve promover uma leitura intersemiótica, capaz de integrar diferentes linguagens e formar leitores críticos e sensíveis. Assim, a escola é concebida como espaço de interação estética e cognitiva, onde as múltiplas linguagens se cruzam, contribuindo para a formação integral do indivíduo e para uma educação pautada na experiência, na imaginação e na transformação humana.

Palavras-chave: Linguagem. Educação Literária. Ensino de Literatura.

ABSTRACT

This article discusses the centrality of language as a form of mediation between humankind and the world, highlighting its verbal and nonverbal dimensions in educational practices. Based on authors such as (2002/2004), Foucault (1987), Cassirer (2012), Peirce (2010), and Barthes (1997); the text addresses language as a living phenomenon, in constant movement and meaning, responsible for articulating thought, sensibility, and expression. It argues that literary language, in dialogue with other artistic expressions such as painting, photography, film, and others, enhances the creative and humanizing development of individuals. From this perspective, literature teaching should promote an intersemiotic reading, capable of integrating different languages and developing critical and sensitive readers. Thus, the school is conceived as a space for aesthetic and cognitive interaction, where multiple languages intersect, contributing to the integral development of the individual and to an education based on experience, imagination, and human transformation.

Keywords: Language. Literary Education. Literature Teaching.

RESUMEN

Este artículo aborda la centralidad del lenguaje como forma de mediación entre la humanidad y el mundo, resaltando sus dimensiones verbales y no verbales en las prácticas educativas. Basándose en autores como Merleau-Ponty (2002/2004), Foucault (1987), Cassirer (2012), Peirce (2010) y Barthes

(1997), el texto considera el lenguaje como un fenómeno vivo, en constante movimiento y significación, responsable de articular el pensamiento, la sensibilidad y la expresión. Argumenta que el lenguaje literario, en diálogo con otras manifestaciones artísticas como la pintura, la fotografía, el cine, entre otras, potencia el desarrollo creativo y humanizador de los individuos. Desde esta perspectiva, la enseñanza de la literatura debe promover una lectura intersemiótica, capaz de integrar diferentes lenguajes y formar lectores críticos y sensibles. Así, la escuela se concibe como un espacio de interacción estética y cognitiva, donde convergen múltiples lenguajes, contribuyendo a la formación integral del individuo y a una educación basada en la experiencia, la imaginación y la transformación humana.

Palabras clave: Lenguaje. Educación Literaria. Enseñanza de la Literatura.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem rodopia por entre meu corpo em movimentos contínuos e céleres. Ela tem pressa de me dizer, de me mostrar; de me fazer sentir a mim mesmo com toques, gestos expressivos, sonoridades vibrantes, sabores tempestivos e perfumes de terra molhada. A linguagem não me deixa morrer de solidão nem de tédio; está sempre companheira, quer eu esteja sorrindo, quer chorando. Ela sempre orchestra todos os meus sentidos, harmoniosamente, feliz. (Jacinto dos Santos).

A comunicação entre os indivíduos só acontece por conta do domínio que o homem desenvolveu das várias linguagens ao longo de sua existência. É interagindo, via linguagem, que nos entendemos e entendemos as coisas do mundo. Merleau-Ponty (2002, p. 9) diz que “a linguagem jamais é a simples vestimenta de um pensamento que se conhece a si mesmo com toda a clareza”. Isso porque a linguagem varia de acordo com os modos de exposição em que ela se realiza, seja narrativa, poesia, pintura, cinema, fotografia etc. Cada forma expressiva da linguagem tem a sua característica específica e, para cada uma, há uma maneira de interação e compreensão.

Quando queremos nos entender e dizer quem somos, como sonhamos, como entendemos o mundo e suas coisas, é pelo fio da linguagem que tudo é possível de ser dito, demonstrado, ensaiado porque “a linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos” (Hjelmslev, 2003, p. 1). E mais ainda, Hjelmslev (idem) acrescenta, ela “não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento”. Percebemos que a rítmica tramada pela vida tem nota forte e sonora, proporcionando movimento em todas as atuações humanas. Ela faz o pensamento projetar os desejos do mundo de forma expressiva.

Como somos seres de linguagem, Foucault (1987) destaca quatro similitudes para a significação das coisas da linguagem.

A primeira é a *convenientia*, que são

as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra. Desse modo, comunica-se o movimento, comunicam-se as influências e as paixões, e também as propriedades. (Foucault, 1987, p. 34).

Como percebemos, há, nesse caso, uma relação proximal entre os semelhantes; eles apenas vibram uns com os outros, aparentam-se, mas, em decorrência de suas extremidades visíveis, são suscetíveis ao estranhamento e, assim, vulneráveis ao conflito.

A segunda é a *aemulatio* que é “uma espécie de conveniência, mas que fosse liberada da lei do lugar e atuasse, imóvel, na distância” (Foucault, 1987, p. 35). Nesse caso, as semelhanças não são próximas, há um distanciamento entre elas; elas até se refletem, espelham-se, mas deixam evidentes suas oposições.

A terceira similitude é a analogia,

Nessa analogia superpõem-se convenientia e aemulatio. Como esta, assegura o maravilhoso afrontamento das semelhanças através do espaço; mas fala, como aquela, de ajustamentos, de liames e de juntura. Seu poder é imenso, pois as similitudes que executa não são aquelas visíveis, maciças, das próprias coisas; basta serem as semelhanças mais sutis das relações. (Foucault, 1987, p. 37).

A analogia denuncia um certo grau de parentela entre as coisas, mas não é igual as essas coisas, porque está, como deixa claro Foucault (1987), próxima em semelhança, no entanto, há um limite, o que existe é uma conformação entre uma coisa e outra.

E a quarta força da semelha é a simpatia, “nela nenhum caminho é de antemão determinado, nenhuma distância é suposta, nenhum encadeamento prescrito. A simpatia atua em estado livre nas profundezas do mundo” (Foucault, 1987, p. 39). Ela é dotada de uma virtude; por ela, as coisas mais distantes são provocadas à aproximação, esse é seu poder. Um outro dado importante sobre a simpatia, alega Foucault (1987), é que ela é transformadora, assim, se não há um equilíbrio entre as tensões, ela tenta impor uma homogeneização.

É pela força da semelhança que, para Foucault (1987), vislumbra-se a assinalação, ou seja, as marcas do mundo. Essas marcas permitem a visibilidade ao invisível. É, pois, pela assinalação que as semelhanças se fazem visíveis. Isso é equivalente a dizer que os signos se fazem visíveis, ou se deixam conhecer, pelas assinalações impressas pela linguagem, ou seja, se quisermos conhecer o mundo ou as suas coisas, entendamos primeiro que estes se fazem signos porque são “formas da similitude” (Foucault, 1987, p. 48). Então, dizer que conhecemos o signo é afirmar que o interpretamos.

A linguagem nos chega ou se nos revela pelos signos que se proliferam a partir dela. Ela nos permite expressar o mais íntimo ou o mais óbvio das coisas do mundo ou de nós mesmos. Sobre ela, Whitney (2010, p. 17) afirma: “a linguagem propriamente dita é um conjunto de signos pelos quais o homem exprime consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes: é uma expressão destinada à transmissão do pensamento”. Mas entendamos que não é a linguagem a forma do pensamento, e sim o fio que estende e alarga o pensamento às mais diversas possibilidades de expressão humana. A linguagem está no movimento, no gesto, na ação; ela faz dizer o dito e o não dito a partir do sentido, chegando, assim, à significação.

Afirma Cassirer (2012) que é próprio da natureza e essência da linguagem seu caráter metafórico, isso implica dizer que ela não fala das coisas diretamente, mas usa meios para falar do mundo e da humanidade, do que seja concreto ou abstrato. Isto é, a linguagem tanto está comunicando

e expressando o cotidiano da vida humana, como fazendo visíveis as criações imaginativas como a literatura, as artes plásticas e outras.

Houve um tempo em que as manifestações da natureza eram elucidadas pelas verdades míticas, isto é, só os deuses eram detentores da “palavra mágica”, eram capazes de dizer por que o tempo muda, por que o sol ilumina e a chuva molha a terra e a fertiliza. Com o transcorrer desse mesmo tempo, o homem foi tomando consciência dos conhecimentos sobre as ocorrências da natureza e instituiu a palavra como detentora de sentidos ou poderes sobre ele mesmo e suas coisas no mundo. Isso nos permite compreender que está com a humanidade a chave de acesso às interpretações sobre as organizações de toda a natureza.

A linguagem, sustenta Cassirer (2012, p. 200), “deve ser vista como uma energia, e não como um ergon”. Isso porque a linguagem não deve ser reconhecida como um produto acabado, pronto, mas ela está em constante progressão, em movimento permanente favorecendo a compreensão do ser humano sobre a sua existência e fazendo-o expressar suas aspirações e sentidos de sua organização interna e externa do mundo.

A linguagem possui um sistema que a organiza, a depender de como queiramos nos comunicar ou expressar e isso ela faz por intermédio de uma forma quer de cunho verbal ou não verbal. Para Cassirer (2012), ela não é um mero aglomerado ou associação de sons e palavras, mas estes se ordenam sistematicamente, isso considerando a linguagem verbal, que é regida por uma estrutura normalizadora, que a ordena a partir de uma sintaxe de cunho linguístico, levando em conta os falantes de dada comunidade. Já do ponto de vista da linguagem não verbal, a sua sistematização se realiza tendo em vista questões de ordem perceptiva, cinestésica e também as condições psicológicas. Isso implica dizer que a sistematização da linguagem não verbal é complexa porque depende do indivíduo e seu movimento no mundo, de sua perspectiva, das condições em que ele se encontra no mundo. Fatores sociais e culturais estão largamente implicados na compreensão da linguagem não verbal, como também da linguagem verbal.

Declara Merleau-Ponty (2002) que a língua possibilita expressar uma infinidade de pensamentos ou coisas com um número limitado de signos, que, organizados, deliberam novas comunicações. Mas por que isso é possível? Em razão clara da plurissignificação que se patenteia de um signo. Essa pluralidade significativa nos permite novos arranjos, novos dizeres sobre o dito. É “virtude da linguagem” o poder de nos fazer vivenciar seu significado, de operarmos os sentidos que ela expressa, ainda mais porque ela permite contarmos o significado dos significados da comunicação que por ela se veicula.

Entendemos que, para um indivíduo estabelecer uma comunicação com um outro, será necessário que ele transforme os elementos que compõem a realidade ou os elementos de seu cotidiano em signos articulados entre si, a ponto de fazer com que seja compreensível o que ele procura comunicar a partir das interações estabelecidas entre as partes. Essa organização sónica que possui um significado, que faz sentido é o que podemos dizer linguagem. E essa linguagem, como já antevemos, apresenta-se das mais diversas formas para que os indivíduos se expressem, comuniquem-se e, com elas, interajam.

É interessante notar que a linguagem do universo literário, como arte, dá um tratamento todo especial ao signo que está sendo veiculado, sendo, também, uma forma de comunicação. Os arranjos desses signos se fazem imagens, assim ampliando as possibilidades de sua significação, ou seja, esse signo, que tem uma função prática na vida cotidiana, passa a ter outras funções no espaço da literatura. Não mais temos os signos com as mesmas obrigações de falar do real do mundo factual, mas signos-imagens que falam a própria imagem que os indivíduos têm em sua memória imaginante. Como podemos perceber, esse signo transcende a categoria de imagem para revelar um mundo que não está na exterioridade da vida humana, mas na sua interioridade, ou, mais precisamente, no imaginário de cada sujeito leitor.

O contato com a linguagem literária se faz por intermédio do ato da leitura, ou seja, isso implica o deslocamento do leitor para o espaço onde ela se realiza e, nesse espaço, a linguagem literária será compreendida. O espaço dessa linguagem é, pois, mimético, assim a única preocupação da sua “verdade” com o “real” é fazer com que os signos-imagens sejam possíveis a partir do contexto em que eles se realizam. E o contexto em questão se evidencia pelo jogo de representação da realidade que é próprio da literatura. Um jogo de realidade que só é possível no campo do texto literário, que requer compreendê-lo, como enfatiza Iser (2002, p. 107), “não como realidade, mas como se fosse realidade”. Por certo, um jogo ambíguo, complexo, operacionalizado pelo leitor numa relação com o autor e com o texto literário. Percebemos então, que, no espaço de representação da realidade literária, o que estará valendo são as imagens que se proliferam num espaço semiótico de signos-imagens que interagem com os signos-imagens dos leitores, enfatizando uma possibilidade a qual eles descortinam pelas relações que mantêm com um ponto de mirada que são suas experiências vividas na sua cotidianidade. É bem verdade que o texto literário não tem compromisso com a realidade factual, mas o leitor o afirma como possibilidade quando consegue perceber vínculos com suas experiências de mundo e da realidade onde se encontra. Como se observa, no espaço da linguagem literária, “é-nós absolutamente indiferente saber que tudo não passa de lenda, que é tudo ‘mentira’” (Auerbach, 2007, p. 10). O que de fato conta, assim entendemos, é a interação entre as linguagens, a do mundo

constituído e a do mundo das possibilidades imagéticas, a qual favorecerá o sentido que se espera de um texto.

Enfatizamos também a relevância do estudo da linguagem não verbal para a compreensão das dimensões das imagens para além dos aspectos verbais, porque entendemos que as imagens-signos, sejam elas na pintura, na fotografia, no cinema ou noutras manifestações visuais, não só existem para sensibilizar a visão, mas também para comunicar ou expressar os movimentos da experiência humana. Isso já é mais do que o suficiente para disponibilizarmos esforços para uma reflexão sobre a sua importância no meio onde nos encontramos. As imagens-signos interagem conosco, isso é fato, assim, uma atenção à linguagem não verbal urge nos meios educativos.

A linguagem não verbal nos leva a um pensar, não um pensar distanciado de nossos sentidos, de nosso corpo, mas um pensar de corpos que se inter-relacionam, de corpos que despertam os outros corpos que se associam ao nosso e agimos como um pintor, como destaca Merleau-Ponty (2004), que oferece seu corpo ao mundo para que o mundo se transforme numa pintura, ou numa imagem-signo que faz sentido porque a presentificamos quando a olhamos e, assim, juntamo-nos a ela.

Tornamo-nos cientes da imagem-signo quando passamos a perceber que ela habita a nossa memória imaginante. No momento em que ela se mostra como uma visagem da linguagem não verbal, passamos a entender que a imagem-signo tem sua existência na memória, porque, como sujeito, “imerso no visível por seu corpo, ele próprio visível, o vidente não se apropria do que vê; apenas se aproxima dele pelo olhar, se abre ao mundo” (Merleau-Ponty, 2004, p. 16). Isso implica reconhecer que quando vemos uma pintura, uma fotografia ou uma imagem fílmica, delas nos aproximamos e vivemos sua textura, profundidade, cor, luminosidade etc. para que façam sentido aos nossos sentidos. Ao vermos o mundo e suas coisas feitos em linguagem, experimentamos as suas integridades. O mundo é feito em linguagem, quer seja na sua concretude ou na sua abstração, quer seja de sua exterioridade ou da sua intimidade, ou seja, por ela, ele se faz imagem como representação. E, quando ele se permite a representações visuais, não podemos deixar de perceber, como consideram Santaella e Nöth (2001), que as imagens visíveis surgem como produções das imagens mentais dos que as executam, como da mesma maneira tais imagens têm sua origem no mundo de nossas experiências cotidianas.

Lemos o mundo visível como linguagem não verbal quando interagimos com as criações artísticas como a pintura, a fotografia, o cinema e outras. Esse mundo feito linguagem se revela como signo ou representamen no momento em que “representa algo para alguém” (Peirce, 2010, p. 46). Quando esse signo se projeta na mente do leitor, deparamo-nos com o interpretante e, no instante em que algo é representado, constitui-se, para Peirce (2010), no objeto. Mas ressaltamos que esses três

componentes do signo peirceano também são perfeitamente perceptíveis aos signos-imagens da linguagem verbal.

O que nos chama atenção da linguagem verbal e da linguagem não verbal são as capacidades de interação que elas nos favorecem em todo o processo de comunicação e expressão humana. Elas dão condições ao indivíduo de agir em consonância com as mais variadas formas nas quais se apresentam, e, com isso, esse indivíduo possa compreendê-las em suas especificidades. As linguagens se revelam com um ou mais sentidos e estes se percebem a depender das experiências de cada indivíduo em seu diferente ponto de vista. Os sujeitos, em todas as suas organizações do agir pela linguagem, são os mais favorecidos pela capacidade múltipla das linguagens e, por elas, expandem as relações e inter-relações com seu meio.

O diálogo salutar entre as artes, ou entre as linguagens, enfatiza o poder de criação que uma favorece à outra. Suas interseções ou suas intersemiotidades são fontes de criação ou recriação de linguagens a partir das tensões com as quais os artistas da palavra ou das imagens tendem a representar o mundo como sentem, percebem ou vivem esse mundo e suas experiências. Dá-se, então, uma transformação do mundo pelo imaginário do artista. Como bem destaca Silva (2002, p. 19), “é da transformação que o imaginário impõe à representação do mundo que nasce a obra. Assim como é da transformação que outros artistas impuseram ao mundo que nasce uma outra transformação”. Isto é, uma criação colabora para outra criação infinitamente, facultando-nos a percepção de suas correspondências, de seus cruzamentos enquanto linguagens. Ou seja, as criações artísticas favorecem a todos

ler para escrever. Citar para reescrever. Ver para recriar. A biblioteca e o museu, ou seja, esses espaços privilegiados em que se desenvolve ou se desenrola uma significação das obras são, pois, sobretudo, formas de diálogo entre as obras que, para significar, se iluminam umas às outras (Silva, 2002, p. 22).

Tendo em vista esses fios da linguagem, vejamos como eles se enovelam com os fios da educação.

2 NOS FIOS DA LINGUAGEM E DA EDUCAÇÃO

Pensar sob o fio da linguagem os percursos da educação é pensar essa linguagem através dos meios que a veiculam ou possam veiculá-la. O que apresentaremos neste momento é um ponto de vista sobre como a linguagem verbal e a não verbal em nosso estudo sobre literatura e a sua relação com a pintura, a fotografia, o cinema e outras artes interagem com os processos educativos.

Nossas reflexões são sobre uma linguagem que interage com os sujeitos envolvidos com ela, numa educação que também a entende como articuladora ou mobilizadora de sentido pela ação impetrada entre os sujeitos e as tensões que se arrolam em prol do compartilhamento de saberes que são veiculados pelas várias linguagens. Assim, estudar literatura e sua relação com as outras artes na escola é ter em mira as convergências, o caráter interdisciplinar e intertextual dessas relações e, mais ainda, o caráter intersemiótico que essas linguagens em foco possuem.

A escola vive sob um regime de permanente interlocução entre sujeitos em ação pelas linguagens, os quais participam com efetiva propriedade das várias ocorrências da linguagem humana. Com isso, a escola está contribuindo com o incremento das linguagens a fim de que elas favoreçam maior interação com o mundo e as suas coisas de forma significativa. E, nesse procedimento, os discursos realizados pelas várias linguagens situam os sujeitos e sua atuação no espaço onde elas se concretizam.

Contamos com uma educação à luz da linguagem que intermedeia a rotina do cotidiano com o conhecimento sistematizado no espaço escolar. Uma escola que educa permanentemente, tendo as linguagens como parceiras do desenvolvimento humano. Por isso, percebemos a literatura, a pintura, a fotografia, o cinema e as outras artes como manifestações da linguagem que têm, em potencial, elementos que favorecem a humanização, porque a linguagem na escola não é só uma forma intermediadora dos procedimentos de intelectualização dos sujeitos, mas também agenciadora de transformação destes pela sensibilidade.

As linguagens, com seus signos, colaboram com a proliferação de imagens, estimulam as percepções e instigam o imaginário dos sujeitos. Esses são pontos imprescindíveis para o trabalho com as linguagens em sala de aula, que colaborará para o que se espera dos indivíduos nos espaços educativos e, posteriormente, fora deles – o incremento da criatividade –, isso porque somos seres que necessitamos dar forma às nossas vivências, às nossas experiências de seres sensíveis. E criar, como argumenta Ostrower (2010, p. 9), “é formar. É poder dar uma forma a algo novo”. Isso demonstrará, por sua vez, que houve compreensão significativa no uso das linguagens.

As linguagens favorecem um ordenamento significativo da natureza criada, que é aquela visível no mundo factual; e da natureza criante, que são as coisas feitas pelos indivíduos, como as artes, por exemplo. É nessa natureza criante que apostamos quando temos as linguagens artísticas sendo trabalhadas na sala de aula, porque elas motivam novas possibilidades criativas. Ou seja,

nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar. Ele precisa orientar-se, ordenando os fenômenos e avaliando o sentido das formas ordenadas;

precisa comunicar-se com outros seres humanos, novamente através de formas ordenadas (Ostrower, 2010, p. 9-10).

Como percebemos, as linguagens efetivamente são potencializadoras do crescimento das elaborações criativas do ser humano. Então, quanto mais damos oportunidade ao sujeito de ampliar suas relações pessoais e interpessoais pelas linguagens, mais ele responderá de forma satisfatória quanto às suas ações socioculturais em decorrência da sua sensibilização frente à natureza criante.

Ao promovermos um ato de leitura em que se consideram as relações entre as artes, estamos sem dúvida estimulando os leitores a também serem motivados à criação por essas linguagens que fazem parte de sua vida social e cultural. Somos seres sensíveis e nos sensibilizamos frente às criações artísticas, porque

inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade (Ostrower, 2010, p. 12).

Como podemos perceber, uma formação do leitor orientada por essa perspectiva de sensibilidade artística, quanto aos domínios da linguagem verbal e não verbal e suas relações intersemióticas, é imprescindível a todos os envolvidos numa educação que se compromete com a transformação dos sujeitos.

Os diálogos entre as linguagens verbal e não verbal requerem atenção da parte dos professores que estão à frente de seus alunos, a orientá-los quanto à leitura. Em nossa contemporaneidade, fica cada vez mais difícil impor barreiras quanto às inter-relações entre as diferentes linguagens quando os apelos dos multimeios como cinema, vídeos, design gráfico, e-book e tantos outros recursos tecnológicos cobram cada vez mais uma leitura que articule as diferentes formas de linguagens que quase não mais apresentam fronteiras que as distanciem. Isto é,

as interseções de linguagens, as linguagens limítrofes evidenciam a impossibilidade de cingir as manifestações de nosso tempo a padrões e valores estanques. Mais do que nunca, tudo parece mutante, interagente; as delimitações são cada vez mais ilusórias (Martins, 1996, p. 97).

Isso implica que as nossas práticas pedagógicas tradicionais de leitura, nas quais impera largamente a linguagem verbal, necessitam ser revistas em decorrência das multilinguagens que estão cobrando uma nova postura no quesito leitura e suas práticas. Muitos podem alegar que suas formações não os habilitaram a isso, que não foram instrumentalizados a respeito de uma prática de leitura intersemiótica, isso é fato, mas também não se pode mais ignorar essa realidade quando o aluno se vê

diante da necessidade de ler um verdadeiro arsenal de linguagens polimorfos e polissêmicas, como nos adverte Martins (1996).

A nossa contemporaneidade exige práticas pedagógicas que considerem as linguagens e os múltiplos saberes que compõem a rede social e cultural na qual estamos aportados. Um saber que não é unilateral, mas que atende às demandas dos pares eu/outro e que contempla as dimensões das linguagens no mundo, as quais, por sua vez, favorecem o incremento da construção de novos saberes que se articulam. Quanto a isso, argumenta Cury (2006, p. 76):

O saber é uma construção, que se faz na relação eu/outro, no cruzamento de olhares e práticas discursivas sobre o objeto, na busca de uma significação em movimento. O saber se constrói na exposição das articulações entre as linguagens no mundo, na instigação do leitor, ele igualmente criador e mediador de discursos.

Como se observa, uma prática de linguagem em que dialogam tanto os sujeitos envolvidos quanto as linguagens em uso, em favor do desenvolvimento do conhecimento de todos. E temos na literatura esse espaço de confronto e enfrentamento das diversidades por sua condição intertextual e interdisciplinar, e cujos textos estabelecem uma natural inter-relação entre as mais diversas linguagens; ou, como assinala Cury (2006, p. 78), “ler um texto [literário] é, pois, situar-se num campo de inter-relações”, pois ele se articula com o cinema, a pintura, a fotografia, os multimeios em geral etc. Isso porque “a literatura se apresenta como esse lugar de cruzamento de discursos” (Cury, 2006, p. 81). Assim, tanto o texto literário dialoga com e motiva a produção dos textos pictóricos, fotográficos, cinematográficos etc., como estes assim o fazem com relação ao texto literário, quando muitos surgem a partir de leituras que são feitas dessas outras produções imagéticas.

Os espaços de formação escolar, pensamos, devem primar pelas articulações das linguagens a favor do educando que está inserido numa realidade que lhe cobra uma dinâmica de conhecimento sobre como lidar com as várias linguagens, a exemplo da literária, pictórica, fotográfica e cinematográfica. Com isso, entendemos que

só uma escola e um professor leitores de literatura, críticos e proficientes, podem garantir ao estudante do ensino médio o direito à literatura, à compreensão e ao uso das diferentes linguagens como meio de organização cognitiva, e estética, da realidade (Lima, 2012, p. 51).

Estudar a linguagem literária, bem sabemos, é estudar a palavra enquanto imagem, que, por sua vez, animará outras imagens de âmbito verbal ou não verbal, porque a palavra dá forma ao mundo. Afirmar Perissé (2006, p. 13) que “a palavra inventa/descobre a realidade humana em sua complexidade, em seus dilemas, em suas aporias. Dito de outra forma, a realidade humana possui

estrutura loquente, para o bem e para o mal, para o aperfeiçoamento e para a destruição”. Disso inferimos que, no reino da linguagem literária, habitam palavras-imagens que apontam o belo e o feio que subjazem na intimidade humana, ou seja, elas são as verdades mais obscuras ou mais evidentes de cada ser. Por essa razão, afirmamos que o ato de educar pela literatura é conferir ao leitor do texto literário, em vivência com essa natureza criante, o direito de transitar por essa linguagem e dela perceber, além do significado, sentido na sua existência.

Leahy-Dios (2004, p. XX) declara que

estudar literatura é essencial ao processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de uma disciplina sustentada por um triângulo interdisciplinar composto da combinação assimétrica de estudos da língua, estudos culturais e estudos sociais.

Esse posicionamento leva-nos a considerar que uma educação que valoriza a leitura do texto literário favorece uma atitude participativa do leitor frente à realidade cotidiana, porque o ato de ler desperta consciência sobre a complexidade da vida e de como agir diante das muitas questões que possam se apresentar. Então, articular, fazer dialogar o texto literário com as outras linguagens é reforçar a relevância da linguagem literária como importante mediadora das outras linguagens da natureza criante.

Observemos, portanto, que lidar com a linguagem literária é lidar com um importante e poderoso arsenal de imagens que se permitem interagir com as outras imagens como as que já anunciamos anteriormente. Vejamos então que Horácio (2005, p. 65) já dizia em sua Poética que “poesia é como pintura”, mas, bem sabemos, ele não apontava uma relação ao livre sabor do artista, mas sob os critérios de uma linguagem que tinha como modelo a vida, ou seja, tratava-se de “imitar”, à custa de um rigor de formalidade em que ele, no seu tempo, acreditava. No entanto, apostamos numa poesia que é como pintura, da qual prevalece a liberdade imaginativa e favorece a criatividade. Como podemos notar, a discussão sobre as relações entre as artes já vem de bem longe no tempo.

Também sobre a relação entre as artes, Souriau (1965, p. 7) argumentou que “nada más evidente que la existencia de una especie de parentesco entre las artes. Pintores, escultores, músicos, poetas, son levitas en el mismo templo. Si no sirven a la mismas divindades, sirven desde luego a divindades análogas”. Isso implica entender que o grau de parentesco ou de intersemioticidade entre as artes é uma evidência irrefutável e, por essa razão, urge estudá-las e discuti-las em nossas salas de aulas.

O exercício da linguagem literária é imprescindível para a maturidade da humanidade, dizemos isso por entendermos que o diálogo com a realidade cotidiana nos faz chegar ao espaço da literatura por intermédio de nossos próprios espaços de experiências. Dessa forma, revemo-nos, reencontramo-

nos por entre as fissuras dessa linguagem. Por essa razão, ancoramo-nos no que fala Barthes (1997, p. 18):

Se, por não sei que excesso da socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa (sic), é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Essa declaração de Barthes ainda mais motiva nossos argumentos sobre a relevância de um ensino pautado numa prática de leitura do texto literário articulado a outras linguagens, possibilitando ao sujeito-leitor mais chances de interação com a sua existência.

Refletindo sobre as formas de articulação entre as artes verbo-visuais em práticas didáticas, Roiphe (2011) estabeleceu três categorias de análise: 1. articulação determinada, que é aquela cujo texto literário já traz uma imagem não verbal na constituição de seu gênero; 2. articulação referida, a que se refere a uma imagem não verbal de forma direta ou indireta no texto literário; e 3. articulação proposta, que é aquela cuja imagem não verbal é posta numa relação intertextual com o texto literário, por uma escolha do professor, objetivando alargar os sentidos da leitura.

A partir do que deixa dito Roiphe (2011), acrescentamos ser de grande importância o conhecimento das linguagens não verbais para maior aproveitamento de uma prática de leitura. Adverte-nos Dondis (1991) que o significado de uma imagem visual não se encontra exclusivamente na sua representação, na informação do ambiente, nos símbolos, ou na própria linguagem, mas também nas formas das composições existentes e coexistentes com o que está expresso factual e visualmente, isto é, uma imagem visual é uma forma com conteúdo, mas esse conteúdo é influenciado pelo que o constitui, como cor, tom, textura, dimensão, proporção, além das relações de composição com o significado.

Esses aspectos devem ser observados quando estudadas a pintura e a fotografia. E, além dos aspectos apontados, ao estudarmos com os alunos as imagens do cinema, atentemos para o movimento de câmera, pois neste incide sua linguagem em particular quando ela conduz nosso olhar nos aproximando ou distanciando de alguma coisa; posicionando nossa visão de cima para baixo ou de baixo para cima; faz-nos acompanhar sua movimentação ao ponto de interesse que está a nossa frente.

Um dado significativo no trato com todas essas linguagens em destaque é que elas não devem ser tratadas em sala de aula de modo a hierarquizá-las, como se uma tivesse de se sobrepor a outra. Todas têm sua participação relevante para uma prática de leitura do texto literário, que leva em conta que tudo na vida está integrado, os seres e as coisas não estão isolados no mundo. Tudo dialoga com o

desenvolvimento do mundo. Assim, percebemos que tudo tem sua razão de ser e acontecer em nosso meio sociocultural e tudo colabora com a formação humana.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida humana, em todas as suas relações sociais, ideológicas, culturais e artísticas não pode prescindir do cuidado com a linguagem, porque é com esta que articulamos os meios que favorecem o desenvolvimento e evolução dos conhecimentos e saberes. Como deixamos evidenciado, a linguagem é expressa de várias formas e maneiras, cada uma com sua sutileza e relevância para chegar ao objetivo, que é possibilitar o acesso a compreensão do mundo quer seja na ordem do factual, quer resulte da imaginação humana.

O mais importante é percebermos que as várias manifestações da linguagem interagem, se complementam e se intercambiam, de modo a favorecer as relações e interações em todos os eventos sociais, culturais e artísticos. Tanto o verbal quanto o não verbal se fazem entender ou são interpretados a partir dos arranjos elaborados por cada um, que caracterizam o seu sistema. Como entendemos, a linguagem favorece a capacidade de nos expressarmos e realizarmos nossos pensamentos das mais variadas possibilidades de articulação entre os sistemas sógnicos.

Ao compreendermos que as linguagens estabelecem relações entre si, fica-nos evidenciado que é imprescindível que a escola se ocupe também de trabalhar com as convergências e divergências entre as linguagens. Destacamos, por exemplo, que o ensino de literatura tenha espaço para explorar as múltiplas relações sógnicas que podem ser estabelecidas. cremos que, com isso, a formação de leitor do texto literário possibilitará uma visão ampliada dos vários diálogos que sua linguagem verbal pode ter com as demais manifestações artísticas como o cinema, a arte plástica, a fotografia e outras.

Reconhecemos que as articulações intersemióticas vêm contribuir para a percepção sensível do leitor sobre si e todo o contexto social e cultural, como também favorece o seu desenvolvimento criativo.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BARTHES, Roland. Aula. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Ensino da literatura e o diálogo entre discursos. In: MATTE, Ana Cristina Fricke. (org.). *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006. p. 75-88.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991. FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- HJELMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.
- LEAHY-DIOS, Cyana. Educação literária como metáfora social: desvios e rumos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LIMA, Aldo de. O ensino da literatura e a pedagogia do digesto. In: LIMA, Aldo de. (org.). *O direito à literatura*. Recife: UFPE, 2012. p. 41-54.
- MARTINS, Maria Helena. Palavra e imagem: um diálogo, uma provocação. In: MARTINS, Maria Helena. (org.). *Questões de linguagem*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996. p. 95-105.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. PERISSÉ, Gabriel. *Literatura e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ROIPHE, Alberto. Didática do ensino de literatura: possíveis articulações verbo-visuais. In: FERREIRA, Lucelena; SANGENIS, Anabelle Loivos Considera Conde. (org.). *Didática e prática de ensino de língua portuguesa e literatura: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 145-164.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SILVA, Edson Rosa da. Malraux e o diálogo das artes. In: VAZ, Paulo Bernardo; CASA NOVA, Vera. (org.). *Estação imagem: desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 17- 25.

SOURIAU, Étienne. La correspondencia de las artes: elementos de estética comparada. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

WHITNEY, W.D. A vida da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.